

# Emoção e sentimento em Damásio: uma conversa

Resenha

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Editora Companhia das Letras, 2012. 260 p.

Matheus da Silva Pereira

*Mestrando em comunicação e cultura. ECO, UFRJ.*



Quando sentimos fome e procuramos algum alimento, quando agimos por reflexo, quando resolvemos um problema matemático ou quando escolhemos com quem casar, essas escolhas dizem respeito à razão ou à emoção? “Penso, logo existo”, disse René Descartes. “Existo, logo penso”, sugere Damásio. E mais: “Só penso porque existo”.

O título escolhido por António Damásio, neurocientista português, para seu livro, *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*, lançado em 1994, tal como a inversão de sentido da máxima cartesiana, nos sugere uma ideia rebelde, ao mesmo tempo que necessária, sobre paradigmas estabelecidos acerca do funcionamento do corpo e da mente humana. Em pouco mais de duzentas páginas, Damásio busca demonstrar como emoção e razão, outrora colocadas de modo separado e praticamente opostos, atuam em conjunto.

A supremacia da racionalidade, em detrimento dos sentimentos, que acompanha a humanidade há séculos e vem ditando tanto formas de tratamentos psiquiátricos quanto formas de comportamentos sociais e paradigmas tecnológicos, não é compatível com os resultados obtidos por Damásio após anos de pesquisas com pacientes que passaram por acidentes cerebrais. Elas mostraram que o ato de tomar decisões está ligado à capacidade de sentir: nela, diferentes regiões do cérebro comunicam-se entre si e com diferentes partes do corpo através de uma íntima e complexa rede de neurônios e hormônios. As pesquisas mostraram ainda que sentimentos podem ser circunscritos em termos mentais, “talvez até encontrar o seu substrato neurológico”, e que o funcionamento do cérebro de cada indivíduo tem em si algo que é único e diz respeito tanto à comunidade em que vive quanto às suas experiências.

Mas Damásio não se dispõe apenas a contrariar Descartes: o faz também em relação ao pensamento neurobiológico que resume ao sistema límbico o setor responsável pelas emoções e pelos comportamentos sociais. O autor nos diz que há uma interação entre estes e os córtices pré-frontais e outros sistemas cerebrais que recebem e integram sinais enviados pelo corpo, num processo de organização fisiológica no qual os sentimentos atuam como qualificadores.

Assim, ora técnico, ora filosófico, ora literário, o autor nos apresenta uma envolvente “topografia cerebral”, cuja ideia central é criar um diálogo entre a chamada “razão nobre” e a “hipótese do marcador somático”. Diálogo esse que é baseado em “emoções primárias”, “emoções secundárias”, “viagem neural” e “viagem química”.

### **Imagem, resposta, pensamento**

Pode-se dizer que uma das formas pelas quais Damásio busca entender a relação entre emoção, razão e cérebro é através do prisma da evolução e da sobrevivência, tanto biológica quanto cultural. De um modo simplificado, os organismos que sobrevivem, sobrevivem porque são capazes de arranjar soluções inteligentes a respeito das adversidades impostas pelo ambiente.

Tomando como campo de observação o grau de complexidade dos sistemas nervosos dos animais ao longo da evolução, temos que, mesmo desprovidos de cérebros complexos, eles são capazes de tomar decisões inteligentes de sobrevivência, baseados na lógica de estímulo e resposta em relação ao ambiente. Já um processo de decisão, baseado em opções, previsão e planos, envolve tanto o conhecimento de generalidades exteriores quanto fatores internos de regulação do organismo, através de um processo de formação de imagem, de modo distribuído por diversos setores do cérebro.

Três conceitos são fundamentais nesse momento: imagem, resposta e pensamento. Imagens são construções do cérebro baseadas em representações neurais; elas ocorrem nos córtices sensoriais iniciais. A resposta a essas construções equivale ao comportamento. O pensamento, ou mente, equivale à capacidade de manipular e organizar essas imagens. No entanto, essa formação de imagens não funcionaria sozinha: é necessário uma conexão entre essas imagens e o *eu*, esse “estado neurológico perpetuamente recriado”, para garantir sua subjetividade.

### **Emoções primárias, emoções secundárias**

Damásio nos diz que há dois tipos de emoções. As emoções primárias ocorrem no sistema límbico e dizem respeito a conhecimentos e dispositivos inatos; são conhecimentos instalados em nosso corpo desde o nascimento (por exemplo: sentir medo ao ouvir rugidos, o movimento de fuga que os pássaros buscam em relação às aves...). Já as emoções secundárias ocorrem tanto no grau consciente quanto no inconsciente, situadas nos córtices pré-frontais; elas dizem respeito a conhecimentos e dispositivos adquiridos e, logo, são personalizadas e se relacionam à experiência de cada um.

Ocorre que dispositivos adquiridos e inatos dizem respeito, cada um à sua maneira, às estratégias de sobrevivência. A racionalidade, então, recruta ambos os dispositivos, fazendo-os agir de modo combinado.

### **Lesões cerebrais**

Damásio apresenta uma série de indivíduos que passaram por lesões cerebrais em diferentes regiões do cérebro, resultando em mudanças de comportamento. Esses indivíduos, nas palavras do autor, são:

incapazes de organizar atividades futuras e de conservar um emprego rentável, eram rígidos e perseverantes na forma de encarar a vida, possuíam pouca originalidade e criatividade, tinham tendência a vangloriar-se, demonstravam ausência de defeitos motores, sensoriais ou de comunicação e uma inteligência geral dentro do que seria de esperar dado o seu passado socio-cultural. (p. 70)

O primeiro deles trata do registro histórico de Phineas Gage, trabalhador da construção civil que, em 1848, sofre um acidente em que uma barra de ferro de aproximadamente um metro de comprimento e três centímetros de diâmetro lhe atravessa a cabeça. Apesar do desastre, Gage apenas perde a visão do olho esquerdo: podia andar, tocar, ouvir, sentir e falar, tinha atenção, percepção, memória, linguagem. O que se alterou, nas palavras de seu médico, John Harlow, foi o seu comportamento. Morreu em 1861, sem que fosse feita nenhuma autópsia.

O caso de Gage é usado por Damásio devido às excentricidades diante dos paradigmas neurológicos da época. Muitos outros casos surgiram desde então, até que o caso de Gage fosse finalmente resolvido. Como podia, após um acidente tão grave, funções motoras e de linguagem se manterem intactas? O que explicava a brusca alteração de comportamento? Convenções sociais e regras éticas poderiam ser perdidas após lesões cerebrais? O contexto era marcado por duas teorias contrárias. Segundo a primeira delas, funções psicológicas, como a linguagem ou a memória, nunca poderiam ser imputadas a uma região cerebral particular. Para a outra, o cérebro possuía partes especializadas, que davam origem a funções mentais distintas. Nas palavras de Damásio:

Compreender a alteração do comportamento de Gage significava acreditar que a conduta social normal requeria uma região cerebral correspondente particular, e esse conceito era ainda mais impensável do que seu equivalente para o movimento, os sentidos ou mesmo para a linguagem. (p. 33)

Utilizando tecnologias recentes, Hanna Damásio concluiu que a lesão comprometeu, sobretudo, os córtices pré-frontais nas superfícies ventral e interna de ambos os hemisférios. Tal região, as investigações mais recentes têm revelado, é crítica para a tomada normal de decisões.

Caso mais recente foi o de Elliot, que teve uma lesão no setor ventromediano do lobo frontal direito. Elliot também passou a apresentar características semelhantes às descritas para o caso Gage. Foram aplicados testes psicológicos e neuropsicológicos. Elliot obteve sucesso em todos eles. O que justificaria, então, sua dificuldade, sua irracionalidade em relação a planos mais amplos de comportamento? A resposta vem da alteração que seus sentimentos sofreram desde a doença, da redução da sua capacidade de sentir. O êxito nos testes laboratoriais contrastava com as escolhas da “vida real”. Descobriu-se que o paciente era incapaz de fazer uma escolha eficiente. As opções que se abriam à sua frente, sem o auxílio das emoções, o tornava incapaz de optar.

Com isso, Damásio conclui: a redução das emoções pode constituir uma fonte igualmente importante de comportamento irracional; o raciocínio e as tomadas de decisão no nível pessoal e social ocorre no mesmo conjunto de sistemas do cérebro humano dedicado às emoções e aos sentimentos.

### **Razão nobre X marcador somático**

Damásio afirma que o raciocínio é o meio para se tomar uma decisão. No entanto, nem todas as respostas encontradas para questões da vida são baseadas nesse processo de raciocínio e decisão. Algumas questões nos fazem pensar em instinto, outras em “agoritimicidade”. O que acontece quando sentimos fome e optamos por comer algum alimento ou agimos por reflexo para nos livrar de algo que possa ferir? Essas tomadas de decisões diferem daquelas que envolvem cálculos e reflexões, como a resolução de um problema matemático, que, por sua vez, também se difere de uma escolha sobre questões pessoais, como escolher com quem se casar. Descartes

reconheceu esses diferentes mecanismos de tomada de decisão relacionando os primeiros à obscuridade, algo de animalesco, enquanto atribuiu os segundos ao espírito humano, à clareza.

A hipótese da razão nobre, sustentada por Descartes, é baseada exclusivamente no cérebro que toma suas decisões através do raciocínio e da escolha, numa reação de custo-benefício, optando pela melhor opção. Através de processos algoritmos, a razão enumera as possibilidades a serem tomadas, julga e escolhe a melhor. *O discurso do método* (1637) celebra a separação entre a coisa pensante e a coisa não pensante, entre a mente e o corpo.

A hipótese do marcador somático é aquela que considera o corpo em toda a sua extensão, em sua relação com o mundo e com a sociedade: o lugar onde são sentidos os reflexos das tomadas de decisões, o corpo que sua, sofre, dilata e contrai. O processo de tomada de decisão leva em consideração as consequências das escolhas de um modo muito mais intenso, menos distante.

Assim, Damásio conclui que a utilização da “razão pura”, sem a participação do marcador somático, é exatamente o modelo de tomada de decisão que caracteriza os pacientes descritos acima. Eles “raciocinavam”, mas não sentiam. O corpo enquanto marcador, portanto, enquanto local onde os resultados das escolhas são sentidos, torna-se fundamental para tomadas de decisões mais sensatas.